



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO, HISTORIOGRAFIA E METODOLOGIA.

Tony Lawson e a concepção de unidade na heterodoxia econômica: do realismo crítico à ontologia social

Tony Lawson and the conception of unity in heterodox economics: from critical realism to social ontology

Beliza Regina Borba de Almeida; UFPR-PPGDE; belizaborba@ufpr.br

RESUMO: A construção da perspectiva filosófica de Tony Lawson pode ser analisada a partir da divisão em fases de seus escritos ao longo dos últimos quarenta anos. Nos anos 1980 a 1990 há uma busca por referências filosóficas e econômicas na tentativa de embasar a crítica metodológica de Lawson à teoria dominante nas Ciências Econômicas. Nesse período, a obra de Keynes é de extrema importância na configuração da perspectiva filosófica do realismo crítico. Em uma segunda fase, Lawson debate suas concepções teóricas e defende a tese de uma unidade ontológica que diferenciaria a heterodoxia econômica. Finalmente, em uma terceira fase, Lawson não mais defende sua perspectiva filosófica como realismo crítico. A partir de 2009 o autor passa a referenciar sua teoria como Ontologia Social. Esse trabalho demonstra tais fases na produção de Lawson com o fim de entender a crítica filosófico/metodológica à teoria econômica dominante, conforme proposta pelo autor.

Palavras-chave: Tony Lawson. Heterodoxia Econômica. Realismo Crítico. Ontologia Social.

ABSTRACT: The construction of the philosophical perspective of Tony Lawson can be analyzed by dividing his work into three phases over the last forty years. In the 1980s and 1990s, there is a search for philosophical and economic references in an attempt to groundwork Lawson's methodological criticism of the dominant theory in Economics. During this period, Keynes's work is of extreme importance in shaping the philosophical perspective of critical realism. In the second phase, Lawson discusses his theoretical conceptions and defends the thesis of an ontological unit that would differentiate economic heterodoxy. Finally, in a third phase, Lawson no longer defends his philosophical perspective as critical realism. In 2009 the author starts to reference his theory as Social Ontology. This paper demonstrates such phases in Lawson's production to understand the philosophical/methodological critique of the



dominant economic theory, as proposed by the author.

Keywords: Tony Lawson. Heterodox Economy. Critical Realism. Social Ontology.

Introdução

A classificação das teorias econômicas a partir de bases comuns é tema controverso na literatura. Identificar correntes como ortodoxas, *mainstream* ou ainda heterodoxas não é ponto passivo entre os economistas. No entanto, há uma perspectiva disseminada de que a pesquisa heterodoxa em economia se caracterizaria tão somente pela oposição à ortodoxia vigente, ao não aceitar pressupostos como o individualismo metodológico, o cânone de uma racionalidade e utilidade maximizadora e a ênfase em análises de equilíbrio. Além disso, haveria uma diferenciação conceitual entre *mainstream* e ortodoxia, sendo o primeiro um conceito sociológico – entendido como a disseminação de ideias de maior aceitação entre os pares – e o segundo um conceito intelectual, menos eclético que o anterior baseado nos princípios neoclássicos (COLANDER, HOLT, ROSSER, 2004; DEQUECH, 2007). Por outro lado, alguns historiadores econômicos desconsiderariam a teoria heterodoxa como um movimento contínuo e agregado, conforme Frederic Lee (2009, p. 1) expõe: “*most scholars in the history of economics do not believe that heterodox economics has an intellectual history and hence deny that a heterodox economics community existed of which a history can be written*”.

Para Tony Lawson, Professor Emérito de Economia e Filosofia da Universidade Cambridge, ortodoxia e *mainstream* são categorias sinônimas e intercambiáveis. Em oposição a elas haveria uma heterodoxia econômica que se caracteriza não somente pela negação dos princípios ortodoxos, mas por possuir uma natureza comum entendida como uma unidade ontológica, apesar da diferenciação de temas de cada tradição. Tal base filosófica comum à heterodoxia apreenderia a realidade de forma diversa à ortodoxia vigente, principalmente em relação à metodologia aceita. Enquanto ortodoxos reduziriam a análise econômica a modelos matemático-dedutivistas independente do fenômeno em questão, a perspectiva filosófica heterodoxa levaria a uma busca por coadunação entre o objeto social das ciências econômicas e a metodologia utilizada (LAWSON, 1997).



Portanto, a análise heterodoxa em economia não partiria do entendimento de uma metodologia única possível e *a priori*, mas de uma base filosófica comum na compreensão da ciência e da realidade social. O conceito de unidade ontológica heterodoxa foi então sendo forjado ao longo da profícua carreira do autor, que ainda publica hodiernamente. Inicialmente Lawson buscou compatibilizar as tradições heterodoxas com a posição filosófica definida como realismo crítico (LAWSON 1997, 2003), passando por uma modificação de escopo e uma suspensão do uso do “rótulo” a partir de 2009, em que passou a assumir a terminologia mais geral de uma teoria da ontologia social (LAWSON, 2019).

Todavia, a teoria de Lawson não é facilmente aceita, sendo alvo de diversas polêmicas em relação aos conceitos filosóficos (MÄKI, 1992, 2005; CARTWRIGHT, 2001), mas, principalmente, considerando a forte resistência das próprias correntes heterodoxas em buscar confluências entre si (HODGSON, 2006; HANDS, 2001; FULLBROOK, 2009). Assim, a tarefa de construir um núcleo comum às teorias não pode ser considerada como algo trivial. A construção da defesa da unidade ontológica deve então ser entendida como processual, edificada ao longo de anos pelo pesquisador e a partir do debate das ideias com os pares. É de suma importância compreender as referências iniciais do autor (econômicas e filosóficas), bem como a evolução dos termos e conceitos utilizados. Além disso, faz-se importante entender o teor das críticas dirigidas à obra de Tony Lawson e como o autor tratou dessas na sua obra.

Com base no exposto, o presente artigo visa a demonstrar a trajetória da defesa de Lawson da unidade ontológica da heterodoxia econômica como fundamento da crítica à ortodoxia, bem como compreender a modificação de nomenclatura da perspectiva filosófica proposta pelo autor ao longo dos mais de quarenta anos de produção. É a partir da análise da obra de Lawson em sua totalidade que se busca contribuir para o abrandamento das interpretações reducionistas da visão ontológica como mera crítica ao uso da metodologia formalista nas ciências econômicas. A obra é extensa, mais de cinquenta artigos, diversos capítulos e livros publicados, dos quais os mais emblemáticos representam a sumarização das ideias de cada período, a saber, “*Economics and Reality*” (1997); “*Reorienting Economics*” (2003) e “*The nature of Social Reality*” (2019).



O artigo está dividido em três seções, além dessa breve introdução e considerações finais, que correspondem a três fases distintas na produção do autor. A seção seguinte trata da fase inicial dos escritos e da relação de Lawson com a obra de Keynes, principalmente as noções de probabilidade e incerteza que colaboram com a formatação da defesa do realismo crítico nas ciências econômicas. Em seguida, a segunda seção representa a segunda fase dos escritos de Lawson, em que há intenso debate em relação à proposta de uma perspectiva filosófica una à heterodoxia e, finalmente, a terceira seção demonstra a fase atual do autor e sua defesa por uma ontologia social para além do denominado realismo crítico, posição que o autor pretende “reestruturar”¹.

A fase inicial (1980 - 1997): Edificando a crítica à metodologia ortodoxa

A construção de uma concepção de unidade ontológica na heterodoxia econômica passa, inicialmente, pela assimilação das críticas econômicas e filosóficas já colocadas na literatura em oposição à tradição ortodoxa dominante². Tal período formativo da crítica de Tony Lawson à generalização do formalismo matemático como metodologia única nas ciências econômicas data das décadas de 1980 e 1990, e representa o estranhamento metodológico que o autor, matemático de formação, encontrou na análise econômica. Assim, ao se deparar com a modelagem matemática como metodologia primordial no estudo de uma ciência social, Lawson passa a buscar ideias econômicas e filosóficas que fornecessem embasamento à sua crítica ao formalismo. O autor encontrou nos escritos de Keynes a base de sua crítica à ortodoxia,

¹ Em entrevista concedida à *Erasmus Journal for Philosophy and Economics*, Tony Lawson demonstra um movimento de distanciamento do realismo crítico: “*So I am actually very happy to be perceived as a critical realist. It is not at all a misinterpretation. But it is important to see this project as multifaceted and continuously evolving. And it is also variously interpreted. You mentioned critical realism in terms of economics, but critical realism has now taken on so many forms in so many disciplines. The emphasis and presentation vary depending on where you go. So incidentally does its reception. Critical realism in some disciplines, say in human geography, is almost mainstream*”. (LAWSON, 2009, p. 103, GRIFO NOSSO).

² Lawson não realiza a diferenciação entre os termos ortodoxia e *mainstream* econômico, utilizando por vezes termos como “*orthodox economic*” ou “*modern mainstream*” para o mesmo referencial. Portanto, no presente trabalho, será utilizada a nomenclatura de teoria ortodoxa, *mainstream* ou tradição dominante na economia como equivalentes.



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

principalmente na noção de probabilidade lógica e incerteza apresentada no *Treatise on Probability*, 1921 [1973] (TP). Tais elementos da obra de Keynes serão importantes na definição da tese de Lawson exposta em *Economics and Reality* (ER) (LAWSON, 1997).



Keynes e o Treatise on Probability

A proposta de Keynes no TP é a de enfatizar as relações lógicas entre as proposições de um argumento, ao considerar a probabilidade como uma propriedade da forma como o mundo é pensado, e não como propriedade do mundo em si. A probabilidade trataria então da parte do conhecimento que é obtido indiretamente, se ocupando do que é justificável no conhecimento e de quão conclusivo ou inconclusivo é o argumento com base nas circunstâncias: “[a]ll propositions are true or false, but the knowledge we have of them depends on our circumstances” (KEYNES, 1921 [1973], p.3). Nesse sentido Keynes diverge de abordagens como a do positivismo lógico, ao considerar a probabilidade como uma relação lógica dependente das circunstâncias apresentadas, e não como frequência de ocorrência intrínseca à proposição e independente do contexto em que ocorrem³. Para Keynes, há um componente relativo na probabilidade, não sendo essa uma propriedade do mundo, pois dependente das evidências apresentadas. No entanto, tal aspecto relativo da probabilidade não leva a teoria de Keynes a uma epistemologia subjetivista, pois compreende o que é uma crença racional a partir das evidências dadas. As evidências podem mudar, mas a crença anterior formulada com base no que estava disponível não se torna equivocada, sendo que partia de uma análise racional (LAWSON, 1985a). A probabilidade não se relaciona, então, com opinião, mas é fixada objetivamente pela razão, uma vez que os fatos e circunstâncias que determinam o conhecimento são dados (KEYNES, 1921, p.4).

Além disso, as relações de probabilidade se apresentariam conforme três tipos, representando diferentes graus de crenças racionais; 1) probabilidade numericamente indeterminada e não comparável; 2) probabilidade numericamente determinada, valorada no intervalo entre 0 e 1; 3) probabilidade com valor específico 0 ou 1 (LAWSON, 1987). A primeira relação corresponderia à incerteza keynesiana, em que há ausência de conhecimento probabilístico por ser esta imensurável, não havendo base

³ O positivismo lógico foi um movimento que se consolidou com o chamado Círculo de Viena no início do século XX com o intuito de negar a metafísica na ciência (HAHN *et al*, 1986). Caracterizou-se por buscar uma linguagem logicista e unificada para a ciência, baseada tão somente em fenômenos empíricos. Para essa corrente, a probabilidade era vista como uma propriedade do mundo externo e as proposições possuiriam frequências de ocorrência contexto-independentes. Assim, haveria uma universalidade na noção de probabilidade como propriedade do mundo, independente das circunstâncias.



científica para sua determinação. Já a certeza, de ocorrência ou de não ocorrência, corresponderia ao tipo 3, coincidindo com o conhecimento completo, o grau mais alto de crença racional. O conhecimento probabilístico comparável e mensurável corresponderia ao tipo 2. Assim, as relações de probabilidade nem sempre são mensuráveis ou comparáveis, ainda, a relação de probabilidade do tipo 1 não é desconhecida por carência de evidências, mas é de fato inatingida por impossibilidade (KEYNES, 1921, p.34).

Keynes considerava a ocorrência de situações em que probabilidades são numericamente determinadas como relativamente incomuns, pois, sendo a probabilidade uma relação lógica relativa às evidências apresentadas elas devem ser mensuráveis apenas quando tais evidências são exaustivas e exclusivas (LAWSON, 1985b, p.88). É a partir da diferenciação entre a teoria da probabilidade de Keynes em oposição à teoria clássica disseminada pelo positivismo lógico, que Lawson (1981) propõe haver duas possíveis abordagens metodológicas à modelagem na economia. Uma pressuporia a crença na existência de um modelo verdadeiro e universal a ser perseguido, essa seria a abordagem padrão na econometria, correspondendo a uma visão positivista de probabilidade frequencial como propriedade do mundo externo a ser encontrada, descoberta (LAWSON, 1988). Outra buscaria um modelo possível consistente com os dados, sendo o objetivo principal a construção de uma ferramenta que auxilie o pensamento em relação aos problemas e questões correntes, abordagem associada à Keynes (LAWSON, 1981, p. 318).

A primeira abordagem parte do pressuposto de que a realidade é passível de completa apreensão em uma modelagem formal equacional, o pesquisador cumpriria a função de identificar tal referencial. A incerteza seria o contraponto a uma ideia de informação perfeita dos agentes, porém, para Keynes a incerteza não levaria a um comportamento errático e não impossibilitaria a análise econômica. Haveria uma forma de conduta racional, dadas as circunstâncias, que possibilitariam certo grau de continuidade e estabilidade, as chamadas “convenções”⁴. Nesse sentido, a visão de

⁴ A definição de convenção poderia ser entendida como uma crença compartilhada pelos indivíduos, atuando como “reduzora de incertezas ao tornar previsível o comportamento daqueles que se assume compartilhar a mesma crença” (CARVALHO, 2014, p.248).



Keynes não se limitou a defender uma impossibilidade de modelagem empírica, mas, considerava a abordagem da econometria como uma metodologia inapropriada para lidar com a economia (LAWSON, 1985b).

A metodologia keynesiana seria, então, a contraproposta à modelagem padrão na economia. As duas abordagens seriam distintas filosoficamente, na forma de apreensão da realidade. (LAWSON, 1981; 1983). O denominando método padrão entenderia que há uma verdade dogmática a ser alcançada com a modelagem, independente de contexto histórico. Enquanto Keynes estaria propondo uma modelagem como processo em contínua evolução, expondo um dos modelos possíveis consistentes com a teoria proposta e passível de revisão à luz de novas evidências. Dessa forma, a diferença primordial da abordagem keynesiana seria o ponto de partida do pesquisador, entendendo o modelo como aproximação e, como tal, adaptável aos novos fatos e evidências sem partir de engessamentos e “fechamentos” da realidade. É nesse sentido que Lawson começa a delinear a sua crítica à metodologia que modela a realidade como um sistema fechado.

A questão de fechamento da teoria ortodoxa é tratada por Lawson (1989, 1997), e pelos realistas críticos, como a consideração de conjunções constantes de eventos que se mantêm em qualquer conjuntura. Uma teoria que envolva a ontologia de sistemas abertos estaria, assim, respeitando a noção de incerteza e as possibilidades de alterações sob novas evidências e conjecturas (informação imperfeita). O foco não está, portanto, nas condições de fechamento e abertura do sistema em si, conforme Chick e Dow (2005), que stressam a questão de limites e grau de abertura de um sistema, mas no entendimento de fechamento como inalterabilidade das conjunções de eventos propostas por leis dedutivistas⁵.

Portanto, a gênese da crítica a uma concepção de “fechamento” da realidade está na análise da contraposição de Keynes ao atomismo. No TP Keynes expõe que tal concepção é comum às ciências naturais, as quais preconizariam uma análise isolada permitindo métodos de inferência específicos (KEYNES, 1921, p. 276-277). Keynes

⁵ Chick e Dow (2005, p. 373) consideram que há diferenças no entendimento dos realistas críticos de sistemas fechados e abertos no uso da linguagem, no ponto de partida e na ênfase dada: “*The difference between us and the critical realists lies in defining openness and closure in terms of the structure of the system versus its manifestation or outcome*”.



propõe que o uso de modos de inferência como a indução estatística só poderia validar-se na presença de atomismo “*if the universe of phenomena does in fact present those peculiar characteristics of atomism and limited variety*” (KEYNES, 1921, p. 468). O uso de métodos indutivos só seria justificado em relação a tais sistemas finitos, caracterizados por átomos isolados. A universalização de tal modo de inferência na análise econômica não seria, portanto, válida,

O retorno de Lawson à obra de Keynes visou ao entendimento de uma abordagem diversa ao uso universal da modelagem matemática nas ciências econômicas, buscando uma aproximação não dogmática a partir dos conceitos metodológicos e epistemológicos apresentados no TP. A noção de incerteza keynesiana – contrária à ideia de indivíduos dotados de informação perfeita – e o teor do conhecimento probabilístico apresentado por Keynes é parte do entendimento necessário a uma posição filosófica realista (LAWSON, 1987). Considerar a incerteza como atributo central da vida econômica oferece o contraponto a uma ênfase em previsões a partir de um ideal de perfeição informativa, conforme proposta pela ortodoxia. Lawson defende, assim, a busca por uma perspectiva realista na análise econômica (LAWSON, 1994a).

O realismo crítico defendido é atrelado à ontologia, à natureza social dos objetos analisados com o intuito de adequar a metodologia de análise econômica (LAWSON, 1987; 1997). Tal posicionamento se opõe ao chamado reducionismo metodológico da ortodoxia econômica, que adaptaria o entendimento da realidade a um único método. Entender a realidade como constituída de experiências de eventos atomizados, conforme já criticado por Keynes, seria próprio de uma visão positivista de ciência. Os problemas na análise econômica decorreriam de tal adoção acrítica de uma concepção de ciência natural como necessária e suficiente para uma ciência social.

Trazer o realismo crítico para a economia pressupõe, portanto, a não aceitação de generalizações ubíquas como leis empíricas. Nesse sentido, a principal crítica se dá em relação aos métodos matematizados utilizados para apreender a realidade social. Sendo a realidade aberta devido a não regularidade constante de eventos, um método que pressupõe o fechamento estaria limitando as possibilidades científicas. Tal fechamento é também entendido a partir do prisma do dedutivismo na ciência



econômica. Para o dedutivismo, parte-se de uma lei geral para o entendimento dos eventos particulares. O problema estaria na consideração das relações do tipo "sempre que ocorre o evento X, então ocorrerá Y".

As ideias apresentadas por Lawson (1997) passam, então, a ser debatidas na tentativa de esclarecer o posicionamento de que há uma lacuna entre a realidade social (entendida como aberta, estruturada, dinâmica e internamente relacionada), e a metodologia de análise econômica dominante que pressupõe o fechamento da realidade, dando início à chamada segunda fase dos seus escritos, que será tratada a seguir.

A segunda fase (1997-2009): o debate heterodoxo

Os escritos de Lawson do período de 1998 a 2009 enfatizam o lado construtivo da perspectiva filosófica do realismo crítico nas ciências econômicas. Em 2003 o autor publica alguns ensaios estruturados sob o título "*Reorienting Economics*". Os capítulos iniciais da obra são dedicados a tornar mais claras e acessíveis as ideias propostas anteriormente em 1997 no "*Economics and Reality*". Há, então, um caráter de retomada de alguns pontos importantes da contribuição metodológica às ciências econômicas em um formato menos abstrato. A elevação da questão ontológica como ponto principal segue sendo o fator que diferencia a abordagem de Lawson, levando a uma busca por uma orientação mais pluralista para a disciplina, conforme Lawson (2003, p. 27): "[t]he goal, as I say is a pluralistic forum where explicitly prosecuted ontology and critical reflection can take their place amongst all the conceivable components of economics as social theorising". Nesse sentido o realismo crítico não pré-determina posições substantivas, mas se apresenta como uma abordagem tida como produto do seu tempo e espaço e que permite revelar erros e perigos metodológicos na análise ao direcionar a prática científica (LAWSON, 2003, p. 62).

O objetivo principal de Lawson (2003) é demonstrar como se daria o método explicativo nas ciências sociais a partir da busca ontológica. Não havendo regularidades ubíquas de eventos, devido à abertura da realidade social, o pesquisador deve focar nas denominadas *demi-regs* contrastivas apresentadas localmente e nos possíveis mecanismos causais que levam a tal ocorrência, como por exemplo: "*Why has*



productivity growth in the UK over the last hundred years or so often fallen below that of other industrialised countries? Why have house prices in the UK recently been rising faster in the southeast than in the North?" (LAWSON, 2003, p.85). Não havendo a possibilidade de fechamentos experimentais a opção disponível ao pesquisador é o entendimento das tendências que levam a um evento não esperado no contexto histórico e geográfico analisado. Assim, a ontologia importa como a forma de entender a natureza do fenômeno social em si, no sentido de definir o que está sendo discutido e direcionar a pesquisa nesse âmbito. A concepção ontológica é capaz de superar os problemas metodológicos da tradição econômica dominante. Nesse sentido, seguindo a análise de Fullbrook (2009), o ponto de referência fundamental para Lawson é a natureza do objeto analisado, a ontologia “(...) notably, when Lawson first uses “ontology” he feels it necessary (...) to explain what the word means (...) Thirteen years later and anyone in economics who knows anything about methodology knows what “ontology” means” (FULLBROOK, 2009, p. 01 - 02). Assim delinea-se a chamada virada ontológica, trazida por Lawson para a análise das ciências econômicas.

A virada ontológica na economia e a natureza da heterodoxia

Lawson (2003) demonstra a possibilidade de análise científica nas ciências sociais a partir de uma perspectiva filosófica que considere a abertura da realidade, buscando reorientar a abordagem nas ciências econômicas a uma explicação por contraste (LAWSON, 2003, p. 109). A questão que se coloca é como deveria proceder o pesquisador social em não havendo regularidades de eventos constantes. O ponto de partida da análise dependeria de um estranhamento do pesquisador com algum aspecto da realidade. O foco deve estar, então, no entendimento das quebras de expectativas e não na busca por continuidade de regularidades universais. O direcionamento a um mecanismo causal específico deve levar em consideração que os eventos empíricos apresentados são estruturados a partir de um domínio da realidade que não é observável. Ou seja, o segundo passo do pesquisador, em oposição à afirmação dedutiva de que sempre que ocorrer “x”, então ocorrerá “y”, seria se questionar: por que ocorreu “x” e não “y”; qual mecanismo gerador coproduziu um fato contrastante na realidade? Tal



modo explicativo é chamado por Lawson (2003) de explicação contrastiva (*contrast explanation*), levando ao terceiro passo da análise científica ao discriminar entre as diversas condições causais no evento que se conformam com a hipótese levantada.

Percebe-se que a diferença primordial da explicação contrastiva em relação à dedutiva é a retirada do foco preditivo. Prever pressupõe um fechamento que não condiz com a ontologia da realidade (LAWSON, 2003, p. 119). Explicar por fatos contrastantes (*demi-regs*) visa buscar o desapontamento de expectativas. Assim, as *demi-regs* não se prestam a deduzir consequências, nas palavras de Lawson (2003, p. 102): “(...) *unlike deductivism, it [contrast explanation] seeks neither to stylise such demi-regs as are found nor to utilise any such regularities solely for purposes of deducing consequences. Rather, event patterns are but a moment in the causal process which goes beyond them*”. O pesquisador social busca, então, situações em que há uma quebra das expectativas de continuidade, como resultado de um “*backward-looking*” (LAWSON, 2003, p.108). Tal padrão de continuidade e reprodução permeado por mudanças das estruturas sociais é extensamente analisado por Thorstein Veblen e pelo institucionalismo original desde o final do séc. XIX. Nessa segunda fase, Lawson parece tender mais fortemente à adesão e ao entendimento do conceito de instituições como a expressão de permanência relativa no domínio social na defesa de sua concepção ontológica (LAWSON, 2002; 2003).

Ao buscar no institucionalismo original a conceituação de continuidade e mudança através das instituições o autor inicialmente se impõe a questão do entendimento da assimilação da biologia evolucionária pela análise econômica⁶. Trazer concepções e modelos de outra ciência seria relevante na análise social? Neste aspecto, a ontologia mais uma vez mostra-se fulcral, pois, ao considerar a natureza do objeto de estudo geram-se implicações de como esse deve ser estudado (LAWSON, 2003, p. 111). É necessário, então, determinar a relevância da transposição da análise da biologia evolucionária para o contexto social, não correndo o risco de recair em generalizações metodológicas *a priori* como o faz a ortodoxia. Nesse sentido, não haveria uma base

⁶ O capítulo oito de “*Reorienting Economics*” foi originalmente publicado na *Journal of Economic Issues* como “Should economics be an evolutionary science? Veblen’s concern and philosophical legacy” (2002), na tentativa de dialogar com o famoso artigo de Veblen “Why is Economics not an evolutionary science? (1898)”.



legítima para uma economia evolucionária se o termo denota um processo em conformidade com o modelo de seleção natural Darwinista, ou se o termo pretende uma abordagem universal e reducionista para a ciência (LAWSON, 2003). O problema, então, na aproximação com a biologia evolucionária estaria na generalização da metáfora de seleção natural, enquanto não considerada como apenas mais um dos mecanismos atuantes na realidade social. Utilizar o modelo evolucionário na análise social depende então da consideração do contexto, pois, sistemas sociais não são naturalmente reproduzidos, mas dependentes da agência humana (LAWSON, 2003).

Para Lawson a natureza da tese vebleniana é ontológica (ainda que não explicitamente) e não pretende reduzir a análise econômica a questões de seleção natural darwinista (LAWSON, 2003, p. 185). A ontologia da causação e mudança cumulativa não teleológica (VEBLEN, 1898) estaria em consonância com o modelo transformativo da atividade social defendido por Lawson, que entende a realidade social como fluida, onde os aspectos sociais são reproduzidos e transformados através da agência humana. Tanto a estrutura quanto os agentes estão em constante processo transformativo, Lawson (2003, p. 204) diz: *“social structure is conceptualised as neither fixed nor created. Rather, it both pre-exists and conditions action, and through human action in total, is itself reproduced and/or transformed. Social being is a process of becoming”*. Assim, o entendimento de Lawson é que a defesa de uma aproximação evolucionária nas ciências econômicas realizada por Veblen (1898) não tem como pressuposto a limitação a modelos de seleção natural, mas parte do entendimento do caráter processual da realidade social.

Importante mencionar que a interpretação vebleniana proposta por Lawson não é um ponto pacífico na literatura. Entender haver um projeto ontológico e construtivo em Veblen difere da apresentada pela maioria dos institucionalistas originais⁷. Lawson (2003) propõe, portanto, que o legado de Veblen seria a proposição de um programa construtivo de natureza essencialmente ontológica para a economia a partir da ênfase na abordagem evolucionária como método superior cognitivamente aos métodos deterministas. A defesa ontológica não estaria explícita em Veblen, e deveria ser

⁷ Lawson menciona as interpretações de Clarence Ayres (1963) e autores pós modernistas que defendiam um legado vebleniano desconstrutivo como Warren J. Samuels (1990,1998).



entendida como ponto a ser desenvolvido atualmente. Nas palavras de Lawson (2003, p. 214): “[i]nstitutionalists, I acknowledge, have not overly emphasised matters of ontology, and certainly there is a case for rendering the ontological presuppositions of the modern-day institutionalist project more explicit and systematic”.

A noção vebleniana de ciência evolucionária está relacionada, então, com a ontologia social da causação cumulativa e com a natureza não determinista e não teleológica da realidade (LAWSON, 2003, p. 187). Tal concepção corresponderia à proposta pela ontologia do realismo crítico envolvendo uma concepção transformativa da realidade a partir de uma estrutura social como condição e consequência da ação humana, conforme Lawson (2003, p. 217): “*Veblen’s specific vision regarding an evolutionary economics, I have suggested, closely reflects his holding to a different social ontology from that presupposed by the current mainstream*”. Assim, na visão de Lawson, tornar tal posicionamento ontológico mais explícito seria o ponto crucial da tradição institucionalista original na tradição heterodoxa atual.

A defesa lawsoniana de uma análise de correntes econômicas a partir de uma ontologia social não parte apenas do exame do institucionalismo original, mas também de aspectos do pós-keynesianismo, e feminismo econômico (LAWSON, 1994b; 2003; 2006). O ponto primordial está no entendimento de quais questões devem ser perseguidas pela heterodoxia econômica como oposição à tradição dominante. Nesse sentido Lawson propõe o entendimento de um comprometimento ontológico compartilhado por tais tradições, pressuposições que seriam mais enriquecidas do que a visão do *mainstream* moderno. A heterodoxia econômica não poderia se basear apenas em uma definição negativa, assim, busca-se por uma perspectiva ontológica explícita como um programa construtivo. No entanto, haveria sim uma característica de rejeição ontológica heterodoxa da dominância universal de métodos matemático-dedutivos (LAWSON, 2003, p. 165).

Como então se daria essa diferença de abordagens do real a partir de uma mesma concepção filosófica da realidade? Lawson pretende que a ontologia social, sob a qual se baseia a heterodoxia, se dá conforme a proposição da perspectiva filosófica do realismo crítico. O mesmo ponto de partida, a ontologia do realismo crítico, tomaria diferentes rumos a partir de olhares heterogêneos (LAWSON, 2003). A diferença estaria



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

no foco e na direção tomada, o que não impede, no entanto, a chegada a um mesmo destino, apesar das abordagens díspares. As tradições heterodoxas focam diferentes aspectos da realidade (MARTINS, 2021). As características que as diferenciam entre si estarão em um nível de abstração abaixo da ontologia social e acima de explicações concretas de fenômenos específicos.

Se na denominada segunda fase de escritos Lawson realiza a defesa de seu posicionamento frente às diversas tradições heterodoxas, a característica da fase seguinte parte da modificação de nomenclatura de sua perspectiva filosófica. Em 2009 o autor não mais se define como parte do realismo crítico, buscando redefinir alguns conceitos e estressar outros.



A fase atual: a teoria da ontologia social

A partir da última década dos anos 2000 há uma inclinação de Lawson à adaptação de uma teoria da ontologia social além da denominação, utilizada até então, de realismo crítico. O autor propõe um retorno ao posicionamento ontológico acima de um comprometimento com a análise que os realistas críticos vêm propondo. Os anos 2010 abarcam diversos escritos interdisciplinares, correspondendo também à época em que Lawson foi membro do projeto em Morfogênese juntamente com a socióloga Margaret Archer ⁸(MORGAN, LAWSON, 2021a). Tais textos corroboram, então, para a suposição de uma modificação da abrangência da teoria do realismo crítico na economia para uma teoria da ontologia social nas ciências sociais em geral.

Em entrevista publicada no *Journal of Critical Realism* (MORGAN; LAWSON, 2021a, p. 77) o economista defende que não modificou sua posição como realista crítico, porém prefere definir sua posição ontológica a utilizar o “rótulo”, a saber:

I haven't changed in my commitment to Critical Realism as I all along understood it. However, I think the way that many now interpret or use the term Critical Realism is often at odds with my own understanding. So, I find it is simply less likely to mislead if on each occasion I spell out the assessments to which I commit, rather than relying on a label to speak for itself.

Nesse sentido, o autor foca em demonstrar um compromisso ontológico, culminando com diversas publicações de reexame das categorias ontológicas previamente apresentadas, como a estruturação da realidade em diferentes domínios e a emergência dos fenômenos a partir de tais domínios além do empírico. Tal movimento está em conformidade com o entendimento inicial do autor da falibilidade e modificação do processo teórico (LAWSON, 2003). Lawson preferiu, portanto, se descolar do rótulo e retomar os questionamentos ontológicos iniciais visando evitar uma normatividade metodológica e focar no questionamento da natureza da estrutura da realidade social

⁸ Lawson participou do projeto de Archer entre 2013 e 2017 com o intuito de compreender as relações de causalidade na emergência de fenômenos (LAWSON, 2013, 2017). Ver nota 24.



(LAWSON, 2009). Nas palavras de Lawson (2009, p. 103): *“My project is characterised by a turn to ontology in social theory as an explicit undertaking. This is what I have been doing since the late 1970s”*.

Conforme descrito nas seções anteriores Lawson buscou no realismo filosófico as respostas para o seu estranhamento em relação à metodologia difundida nas ciências econômicas, encontrando no realismo crítico as proposições ontológicas que condiziam com suas posições. No entanto, a proposta filosófica do realismo crítico está em constante evolução nas ciências sociais (LAWSON, 2009). Além disso, o pensamento de Lawson também se modifica ao longo dos anos. Nada mais coeso, para o autor, portanto, não se limitar a uma denominação teórico/metodológica, mas focar nas suas concepções e evoluções de termos e conceitos ao longo dos anos. Assim, não há de fato uma ruptura de Lawson com o realismo crítico, mas o autor pretende expor uma ontologia social mais abrangente, sem especificar uma teoria substantiva ou metodologia. Focar na ontologia possibilita a aceitação de divergências nas explicações empíricas, nesse sentido, contribui para a análise de unidade nas teorias heterodoxas a partir de uma visão ontológica comum. Lawson (2009, p. 104) diz: *“Any two people agreeing on a particular ontological conception can differ in their additional empirical claims. But ontological insight helps avoid inappropriate reductionist stances and aids explanatory and ethical work”*.

Retomando os escritos do autor percebe-se que a nomenclatura de realismo crítico foi utilizada, desde o início, com ressalvas. Lawson (1997, p. 173 e 174) já demonstrava: *“It [critical realism] is a label that I am not entirely comfortable with. But it is now well ingrained in the fast growing related literature and this seems a good enough reason to persevere with it, at least for the time being (GRIFO NOSSO)”*. Entende-se, assim, que o termo “realismo crítico” foi usado desde o início para demonstrar uma perspectiva ontológica comum a diferentes áreas de conhecimento.

Importante lembrar que o grupo que inicialmente forma o “*Centre for Critical Realism*” na década de 1990 adveio do “*Cambridge Realist Workshop*”, formado por Roy Bhaskar (filósofo), Margaret Archer (socióloga), Andrew Collier (filósofo), Tony Lawson (economista) entre outros. As discussões giravam em torno de uma crítica à teoria social a partir de uma visão ontológica comum, que consistia em entender a



realidade como aberta, processual, relacional e reproduzida através de práticas humanas (MORGAN; LAWSON, 2021a). Ainda, com o intuito de complementar as discussões do “*Cambridge Realist Workshop*” – que acabou perdendo o caráter de debates internos e se tornando um grande grupo aberto a todos, trazendo diversos nomes para palestras ainda hoje (MORGAN; LAWSON, 2021b) – formou-se, em 2002, o “*Cambridge Social Ontology Group*”⁹. O novo grupo de pesquisa passa então a focar no projeto de desenvolvimento de uma ontologia social construtiva para o entendimento da realidade social. O olhar se voltou para a natureza e conceituação ontológica do fenômeno social

Seguindo a ideia de classificação do pensamento econômico através de pressuposições filosóficas, como propõe Lawson (2003) em relação à heterodoxia, a própria teoria de Lawson seria passível de classificação. Nuno Martins (2021) o coloca como parte de uma tradição econômica de Cambridge. Tal tradição se caracterizaria pela aceitação de pressuposições ontológicas comuns, além de uma metodologia plural e uma preocupação ética com a distribuição social, defendidas conjuntamente. O projeto, atualmente defendido como “*Cambridge Social Ontology*”, expressaria tal comprometimento à tradição econômica disseminada em Cambridge. Martins (2022) explicita tal defesa da Ontologia Social de Cambridge como um projeto de pesquisa desenvolvido há mais de três décadas e liderado por Lawson. Para Martins (2022, p. 150) o projeto passou de uma crítica à metodologia disseminada pelo *mainstream* econômico para o desenvolvimento e defesa de uma concepção de realidade social. Importante notar que Martins (2022) considera o projeto de Lawson como equivalente ao *Cambridge Social Ontology*. Assim, Martins não pressupõe a existência de uma fase inicial, conforme aqui defendido, de exploração de referências econômicas e filosóficas na década de 1980 e início de 1990, culminando com a defesa do realismo crítico por Lawson. Porém, não diverge em relação à modificação de fases no decorrer dos anos 2000, além de concordar com a defesa atual de uma concepção de realidade social apresentada a partir da teoria do posicionamento social.

A concepção particular de Lawson se daria em relação a uma ontologia filosófica, que se preocuparia em acomodar todos os fenômenos do domínio social.

⁹ <https://www.csog.econ.cam.ac.uk/>



Nesse período, também considerado como uma terceira fase do autor por Faulkner, *et al* (2017), Lawson passa a diferenciar a denominada ontologia filosófica, do que seria a ontologia científica. No entendimento do grupo de Cambridge, ontologia científica envolveria o desenvolvimento de conceitos chave na sociedade, como buscar o entendimento da natureza da corporação, da moeda, de gênero, da tecnologia, do poder e instituições (LAWSON, 2019).

Por outro lado, a ontologia filosófica se preocuparia com características comuns a todo o domínio social. A diferença se dá na especificidade, portanto, sendo a ontologia científica o estudo da natureza de conceitos específicos à teoria econômica, no caso de Lawson. Nesse sentido, a teoria do posicionamento social, desenvolvida nos últimos anos, seria uma contribuição à ontologia filosófica. Em Morgan (2021b, p. 202), Lawson responde: *“It [social positioning theory] rests on social ontological features of the sort that I associate with Critical Realism but goes further in terms of identifying and including other features, and in particular those that bear significantly on how things hang together”*.

Assim, a chamada teoria do posicionamento social, defendida por Lawson pós 2009, continua sendo, como o realismo crítico, uma perspectiva de ontologia filosófica. Não trata exatamente de questões teóricas substantivas, mas representa uma concepção filosófica às ciências sociais. Para Morgan (2021b, p. 79) Lawson se demonstra cético em relação à aplicabilidade atual do realismo crítico. Nesse sentido o mais preciso seria descrevê-lo como ontologista social e não mais como realista crítico, a saber:

I have resisted using the Critical Realist label in referencing applied, substantive or scientific analyses etc. Indeed, even as I developed ontological theorizing at a more concrete level, as in social positioning theory, it has been met with critical responses from others within Critical Realism.

O livro *“The nature of social reality”*, publicado em 2019, discute e apresenta a teoria do posicionamento social. Na obra há, então, a consagração do movimento a tornar explícita a ontologia considerada, a chamada “virada ontológica” já defendida em



Lawson (2003)¹⁰. Lawson (2019) se aprofunda na busca pela natureza social do objeto das ciências econômicas e por fundamentos ontológicos adequados às ciências sociais, identificando propriedades e entidades que seriam categorizadas como sociais, pois dependem de interações humanas e inexistem sem a presença humana e de suas atividades. Nesse sentido há uma busca pela cientificidade da ciência social, além do naturalismo ontológico, ou seja, explicar tudo em termos de causas naturais. Para Lawson, categorias como “*social position*”, “*social power*” e “*social relation*” não podem ser acomodadas na perspectiva naturalista. No entanto, Lawson não nega a ontologia naturalista em outros campos de estudo, apenas pretende definir a análise da ciência social como irredutível às ciências naturais. A realidade social deve ser entendida como distinta, porém dependente, da materialidade não social (LAWSON, 2019, p. 32). Haveria então uma ontologia social que deve ser definida e entendida como além do naturalismo, ao estudar a natureza do ser social.

Lawson (2019) traz a importância da consideração da estrutura organizacional da sociedade como emergente da atuação dos indivíduos em comunidade. A realidade social é entendida como uma totalidade emergente de fenômenos sociais que dependem da existência humana. Toda atividade humana ocorre em um contexto, isto significa que a ação humana se dá como um componente inserido em uma sociedade. Lawson (2019) desenvolve, então, como tese central, a noção de posicionamento social como o contexto e a forma como as comunidades se organizam. A teoria vai além da problemática agente-estrutura, ao considerar os aspectos constitutivos e relacionais das comunidades, sendo que o processo de posicionamento social seria decorrente de qualquer tipo de interação humana (MORGAN, LAWSON, 2021b). É através do exercício dos poderes oferecidos aos ocupantes das posições que se efetua o contato entre agência humana e a estrutura social (LAWSON, 2019).

A própria alocação de posições é com frequência um processo discriminatório. Há, então, a necessidade de entender a natureza das posições produzidas na sociedade e

¹⁰ Importante notar que o termo “virada ontológica” advém da antropologia e foi cunhado pelo antropólogo social brasileiro Eduardo Viveiros de Castro e professor da Universidade de Cambridge no final da década de 1990. Lawson (2003), no entanto, não menciona o antropólogo ao utilizar o termo, mas o faz em 2019 em uma nota de rodapé do Capítulo 2 “*Ontology and the study of social reality*”, publicado anteriormente em 2012 na *Cambridge Journal of Economics*.



como tal acesso é determinado. A cada posição, relacionalmente constituída em referência à totalidade, vinculam-se um conjunto de direitos e obrigações. Caso a posição seja ocupada por artefatos, os direitos e obrigações são determinados em relação aos agentes que se relacionam com esses. Portanto, Lawson (2019; 2022) diferencia posições de pessoas e objetos e a efetivação do posicionamento do componente se dá quando os direitos e obrigações daquela posição são exercidos.

Portanto, a relação social se expressa através de pares de direitos e obrigações que são internamente relacionadas às comunidades em que emergem e aos atores que interagem. Há um processo coletivo de distribuição de oportunidades de vida como efeito das posições sociais (MORGAN; LAWSON, 2021b). Os exemplos trazidos por Lawson demonstram a diferença de pares de direitos e obrigações a cada posição tomada: professor(a)-aluno(a), comprador(a)-vendedor(a), locatário(a)-locador(a), empregador(a) –empregado(a). Ao ser alocado a uma posição o indivíduo tem acesso àquela relação direito-obrigação. Lawson (2019, p. 208) considera que tais relações estão presentes em todas as sociedades humanas desde sempre e são centrais a todas as constituições comunitárias, ainda que informais.

A teoria do posicionamento social pode então ir além e esclarecer a natureza de fenômenos sociais como, por exemplo, questões de gênero e de classe social que prevalecem na maioria das comunidades. Como uma teoria de ontologia social não se propõe normativa, podendo levar a diversas teorias mais substantivas a partir do entendimento da natureza do fenômeno. Adicionar a análise empírica seria um segundo passo, após a apreciação ontológica. Portanto, a teoria como objeto de trabalho atual de Lawson se mostra em constante evolução e adaptação, sendo ainda fruto de um trabalho coletivo desenvolvido atualmente em Cambridge (MORGAN, 2020, p.138). Ademais, há uma ênfase no caráter não determinista da teoria. Lawson (2022, p.8) diz: “*social reality in the form of community being, is always and everywhere characterised by contestation, crises, contingencies, mistakes, malfunctioning, contradictions and so forth*”.

Entender os processos que levam as pessoas e objetos à organização como componentes de uma totalidade levaria também a uma possibilidade emancipatória dos agentes, refletindo sobre a distribuição desigual de oportunidades e o que levaria a isso.



Ao separar o ocupante de uma posição com a organização que leva a posição em si é possível entender as questões de poder que caracterizam certas posições em detrimento de uma defesa culpabilizadora de capacidades intrínsecas dos indivíduos (LAWSON, 2022). Dessa forma, a fase atual de escritos de Lawson demonstra uma maturidade na busca de uma unidade ontológica nas ciências sociais como um todo. Retomando a defesa de uma unidade de perspectiva filosófica na heterodoxia econômica, conforme expressada mais nitidamente na segunda fase, o autor busca demonstrar novas possibilidades metodológicas à ciência econômica e a busca pelo debate em torno de termos que importam à literatura econômica a partir da teoria do posicionamento social. A teoria/metodologia não é normativa, no sentido de impor uma única forma de trabalho, e vem sendo examinada por correntes da heterodoxia econômica, como demonstra William Waller (2020, p. 1183) no trecho a seguir:

Lawson's theory of social positioning is useful in clarifying institution creation and adjustment. Additionally, it should focus the attention of original institutionalists on the issues of the processes of community acceptance of social relationships, the establishment of trust and legitimacy in social institutions, and the careful analysis and identification of processes identified as resulting in emergent properties (and their accompanying organization of lower-level properties) (WALLER, 2020, p. 1183)

Em suma, o interesse de Lawson pela análise do pensamento da heterodoxia econômica foi alargado por um interesse nas ciências sociais como um todo. A teoria do posicionamento social oferece, portanto, uma perspectiva transdisciplinar visando à emancipação humana ao entender os mecanismos que levam à organização social e à distribuição de oportunidades em uma comunidade. A busca ontológica de Lawson levou, assim, ao entendimento da importância de se revelar outros possíveis modos de ser no mundo, enfatizando a proposta de uma “virada ontológica”, trabalho ainda em constante desenvolvimento pelo autor e pelo “*Cambridge Ontology Group*”.

Considerações Finais



Entender a concepção de unidade ontológica nos escritos de Tony Lawson leva a compreensão do não reducionismo da tese do autor à simples negação da modelagem matemática. O posicionamento de Lawson contra a imposição da modelagem matemática, como única forma possível de se fazer ciência econômica, se coloca a partir da defesa de uma perspectiva filosófica da realidade que exalte a natureza do objeto estudado e a conformação ontológica com o método utilizado. Nesse sentido, o *mainstream* econômico se apresentaria como metodologia excludente, e a análise dos aspectos comuns à heterodoxia demonstra a possível pluralidade metodológica para além da teoria dominante. Porém, defender a unidade ontológica heterodoxa não o exime de um posicionamento crítico também em relação à própria heterodoxia (LAWSON, 2009).

Ao trazer a discussão ontológica para a metodologia econômica Lawson expande a discussão e expõe um novo olhar ao fazer econômico além da formalização matemática. Não se trata, no entanto, de uma crítica à modelagem matemática em si, mas ao seu emprego em condições em que não é aceitável, pois em desajuste com o objeto social analisado. Para Morgan (2020, p.141) “*Lawson is not claiming originality of subject matter, he is rather demonstrating the originality of looking at the problem differently, bringing a systematic ontological type of inquiry to bear*”.

Assim, a originalidade em se olhar a partir de uma perspectiva ontológica diversa para os problemas sociais levou Lawson à defesa de uma ontologia social que vem sendo amplamente trabalhada nas ciências econômicas. Lewis, *et al* (2020) demonstra como a ênfase ao comprometimento ontológico pode auxiliar à história do pensamento econômico citando diversos trabalhos realizados por participantes do “*Cambridge Social Ontology Group*” como Steve Fleetwood, Clive Lawson e Tony Lawson. Há, portanto, diversos caminhos possíveis a partir da contribuição de uma análise baseada na ontologia social. Nas palavras de Lewis (2020, p. 988) “*Although historically informed contributions to socio-scientific ontology are now more common than they once were, there is also considerable scope for development on this front*”.

A importância da análise da evolução de uma concepção crítica na obra de um autor, conforme buscado nesse trabalho, demonstra-se pela possibilidade de apreensão de aspectos ao longo do tempo. Entender as referências filosóficas e econômicas no



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

início dos escritos colabora com a definição do teor da crítica apresentada inicialmente. Além disso, a própria denominação de Lawson como defensor de um realismo crítico passa por escrutínio ao focar na evolução da perspectiva ontológica defendida pelo autor. Finalmente, a atual defesa de uma teoria do posicionamento social permite também compreender os possíveis caminhos a serem seguidos, pelo autor e pelo grupo ao seu redor em Cambridge, a partir do comprometimento com uma teoria da ontologia social.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTWRIGHT, N. Ceteris Paribus Laws and socio-economic machines. In: MÄKI, U (ed.). *The Economic Worldview*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CARVALHO, F. J. C. Expectativas, incerteza e convenções . In: MONTEIRO FILHA, D. C.; PRADO, L. C. D.; LASTRES, H. M. M. (Orgs.). *Estratégias de desenvolvimento, política industrial e inovação: ensaios em memória de Fabio Erber*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014.

CHICK, V.; DOW, S. The meaning of open systems. *Journal of Economic Methodology*, v. 12, n. 3, p. 363-381, 2005.

COLANDER, D.; HOLT, R. P. F.; ROSSER, J. B. The changing face of mainstream economics. *Review of Political Economy*, v. 16, n. 4, p. 485-499, 2004.

DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics, *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 30, n. 2, p.279-302, 2007.

FAULKNER, P.; PRATTEN, S.; RUNDE, J. Cambridge Social Ontology: Clarification, Development and Deployment. *Cambridge Journal of Economics*, v. 41, n. 5, p. 1265-1277, 2017.

FULLBROOK, E (ed). *Ontology and Economics: Tony Lawson and His Critics*. Routledge, 2009.

HAHN, H.; NEURATH, O.; CARNAP, R. A concepção científica do mundo – O círculo de Viena. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, v. 10, p. 5-20, 1986.

HANDS, D. W. *Reflection Without Rules: Economic Methodology and Contemporary Science Theory*, Cambridge University Press, Cambridge and New York, 2001.

HODGSON, G. M. Characterizing Institutional and Heterodox Economics—A Reply to Tony Lawson. *Evolutionary and Institutional Economics Review*, v. 2, n. 2, p. 213-223, 2006.

KEYNES, J. M. *The Collected Writings of John Maynard Keynes*, vol. VIII, The Treatise on Probability. Royal Economic Society. 1921 [1973].

LAWSON, T. Keynesian model building and the rational expectations critique. *Cambridge Journal of Economics*, v. 5, n. 4, p. 311-326, 1981.



LAWSON, T. Different approaches to economic modelling. *Cambridge Journal of Economics*, v. 7, n. 1, p. 77–84, 1983.

LAWSON, T. Keynes, prediction and econometrics. In: LAWSON, T.; PESARAN, H. (eds.) *Keynes' economics: Methodological issues*. London and Sydney: Croom Helm, 1985a.

LAWSON, T. Uncertainty and Economic Analysis. *The Economic Journal*, v. 95, n. 380, p. 909, 1985b.

LAWSON, T. The relative/absolute nature of knowledge and economic analysis. *The Economic Journal*, v. n. 97, n. 388, p. 951–970, 1987.

LAWSON, T. Probability and Uncertainty in Economic Analysis. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 11, n. 1, p. 38–65, 1988.

LAWSON, T. Realism and Instrumentalism in the development of Econometrics. *Oxford Economic Papers*, v. 41, n. 1, p. 236–258, 1989.

LAWSON, T. A Realist Theory for Economics. In: BACKHOUSE, R. (ed.) *New Directions in Economics Methodology*. Routledge, 1994a.

LAWSON, T. The Nature of Post Keynesianism and Its Links to Other Traditions: A Realist Perspective. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 16, n. 4, p. 503–538, 1994b.

LAWSON, T. *Economics and reality*. Routledge, 1997.

LAWSON, T. Should economics be an evolutionary science? Veblen's concern and philosophical legacy. *Journal of Economic Issues*, v. 36, n. 2, p. 279–292, 2002.

LAWSON, T. *Reorienting economics*. Routledge, London, 2003.

LAWSON, T. The nature of heterodox economics. *Cambridge Journal of Economics*, v. 30, n. 4, p. 483–505, 2006.

LAWSON, T. Cambridge social ontology: an interview with Tony Lawson. *Erasmus Journal for Philosophy and Economics*, v.2, n.1, p. 100-122, 2009.

LAWSON, T. *The Nature of Social Reality: Issues in Social Ontology*. Routledge, 2019.



LAWSON, T. Social positioning theory. *Cambridge Journal of Economics*, v. 46, n. 1, p. 1–39, 2022.

LEE, F. *A History of Heterodox Economics: challenging the mainstream in the twentieth century*. Routledge, 2009.

LEWIS, P; MOURA, M. G.; RUNDE, J. Ontology and the history of economic thought: an introduction. *Cambridge Journal of Economics*, v. 44, n. 5, p. 981-990, 2020.

MÄKI, U. On the method of isolation in economics. *Poznan Studies in the Philosophy of the Sciences and the Humanities*, v. 26, n. 4, p. 317-351, 1992.

MÄKI, U. Models are experiments, experiments are models. *Journal of Economic Methodology*, v. 12, n. 2, p. 303-315, 2005.

MARTINS, N. O. The Cambridge economic tradition and the distribution of the social surplus. *Cambridge Journal of Economics*, v. 45, p. 225-241, 2021.

MARTINS, N. O. Cambridge social ontology and the reconstruction of economic theory. In: CHESTER, L.; JO, T. (eds.) *Heterodox Economics: Legacy and Prospects*. World Economics Association BOOK SERIES, Bristol, UK, 2022.

MORGAN, J. Review Essay: Tony Lawson, Economics and the Theory of Social Positioning. *Real- World Economics Review*, v. 91, p. 132–145, 2020.

MORGAN, J.; LAWSON, T. Cambridge social ontology, the philosophical critique of modern economics and social positioning theory: an interview with Tony Lawson, part 1, *Journal of Critical Realism*, v. 20, n. 1, p. 72-97, 2021a.

MORGAN, J.; LAWSON, T. Cambridge social ontology, the philosophical critique of modern economics and social positioning theory: an interview with Tony Lawson, part 2, *Journal of Critical Realism*, v. 20, n. 2, p. 201-237, 2021b.

VEBLLEN, T. Why is economics not an evolutionary science? *Quarterly Journal of Economics*, v.12, n.4, p. 373-397, 1898.

WALLER, W. The Nature of Social Reality: Issues in Social Ontology, by Tony Lawson. *Journal of Economic Issues*, v. 54, n. 4, p. 1178–1183, 2020.